

# A ESTÉTICA DA PAISAGEM

*Professor Doutor Sidónio Pardal*

*Comunicação*

A paisagem é uma criação recente que, num mundo mediatizado se confunde com a imagem do território registada em suportes, chegando-se ao ponto da realidade se tornar uma metáfora das imagens que a ela se reportam. A paisagem pode ser traída pelas suas imagens, por isso a sua verdade apenas se revela pela presença.

A consciencialização do que terá sido o mundo antes de haver paisagens é um requisito fundamental para repor a verdade da relação do Homem com o território.

Os geomorfismos brutos, os ecossistemas selvagens que se formaram à superfície da Terra não são obras de arte, não são o resultado de uma ideia, mas de um processo que a ciência vai desvendando com espanto metafísico.

A arquitectura dos edifícios e demais desenhos aplicados à alteração do território para o adaptar às actividades socioeconómicas tem uma matriz distinta da arquitectura da paisagem. Toda a construção do edificado urbano e da modelação dos campos agrícolas tem um sentido utilitário que escapa à paisagem, a qual se reserva a um sentido puramente útil. A paisagem não é uma necessidade primária como é o abrigo, a casa, o hospital, a escola. Para uma família é sempre preferível ter uma casa mal arquitectada do que não ter casa. O mesmo não se passa com a paisagem e com outras artes como a música, a pintura ou mesmo a dança em que, o apreciador iniciado pode, com todo o sentido, preferir não ter obra nenhuma a ter que suportar e se confrontar com uma obra falhada.

A paisagem é, de certo modo, a construção de um refúgio que se afirma como acto de conquista em contraponto com a realidade do mundo selvagem e a necessidade constrangedora e culpabilizante do meio urbano, tratado como uma realidade contranatura.

Até ao Séc. XVII, tudo leva a crer que o Homem se confrontava com um mundo hostil, onde o conforto era excepção rara, no espaço e no tempo. A apreciação dos territórios incidia sobre o grau de acolhimento que proporcionavam, considerando a fartura de alimento e a segurança. Mesmo assim, a condição humana foi sempre sujeita a sofrimentos, carências, incertezas e conflitos que dramatizaram a História e a vida quotidiana dos povos, daí a razão para se desenvolver o imaginário do *paraíso*

*perdido* e o desejo de uma natureza providencial. A ideia de paisagem vem corresponder a esta necessidade de criar uma territorialidade perfeita em contraponto com a realidade bruta.

A arte de fazer paisagem desenvolve ideias à escala do território e materializa-as com elementos que têm ligação ao conceito do *belo natural* e ao seu significado autónomo como coisa produzida pelo Homem com a intenção de o exprimir.

A paisagem apela ao compromisso com a autenticidade como único caminho para se chegar ao absoluto. A arte não acontece se houver subordinação a estereótipos, a transposições e a obediências por incapacidade de uso e afirmação da liberdade inerente à acção criativa.

A insatisfação dramática que o Homem sente perante o mundo é um domínio fértil para a proliferação de movimentos ideológicos que exploram o culto do medo face às “forças da natureza”. A paisagem e a sua arquitectura correm o risco de serem capturadas e inquinadas por estes interesses obscuros. Os movimentos ambientalistas defendem aquilo que qualquer pessoa, no seu perfeito juízo, não deixa de desejar — um mundo despoluído, ordenado, confortável e belo. É precisamente o facto destes objectivos e valores serem universais que problematiza a sua abusiva apropriação por um movimento de militância, no pressuposto de que quem não adere e obedece aos líderes da organização está contra aqueles princípios, e passa a ser considerado como um inimigo da causa.

Vem a propósito recordar a opinião de Goethe sobre o movimento *Naturwissenschaft* (filosofia da natureza) — “Devo testemunhar que não pude ler o seu programa sem dores de cabeça. Ele é, na minha opinião, belo e bom mas, não sei porquê, são justamente as ideias mais elevadas que, uma vez expressamente formuladas, produzem uma impressão um pouco grotesca.” (Gusdorf, 1985)<sup>1</sup>

O facto de a arquitectura ser uma linguagem de padrões não restringe a liberdade, pelo contrário salvaguarda-a, na medida em que a estruturação de uma linguagem não condiciona as ideias que, através dela, se formam e exprimem.

A paisagem como obra de arte completa-se e realiza-se através da presença disponível para fruir o prazer da contemplação. O conteúdo intrínseco da paisagem é a emoção da presença sentida por cada pessoa que a visita e desvenda a espiritualidade do autor. A essência da paisagem é indissociável da ideia que está na

---

<sup>1</sup> Goethe (1806). *Die Schriften zur Naturwissenschaft*. Weimar: S.E. (p. 80), in Gusdorf, Georges (1985). *Le Savoir Romantique de la Nature*. Paris: Payot.

sua origem, que lhe deu forma e que se multiplica na subjectividade de cada olhar, leitura, percepção, contemplação e interpretação das pessoas que a podem fruir.

A dissertação sobre a estética de uma paisagem em concreto é um exercício de crítica que se desenvolve como obra literária e filosófica e, portanto, distinto do acto de architectar e de construir paisagens. A crítica da paisagem é um exercício literário e interpretativo que vale por si, como obra de reflexão e também de criação. A crítica é portanto uma obra que tem uma existência e mérito próprios, independente da obra que toma como pretexto, como inspiração e como tema. A crítica da paisagem pertence ao mundo das leituras e das interpretações liberas da contingência de realizar paisagens contudo, convenhamos que a crítica é, em si, uma obra, não de architectura mas de especulação filosófica e de construção literária.

A interpretação da paisagem requer a leitura do processo conceptual, analisa a perspectiva do architecto enquanto autor da paisagem, dos métodos de projecto e de construção adoptados, ajuizando a densidade da ideia, o seu grau de coerência e o seu resultado. Bem diferente da interpretação é o simples acto contemplativo que acontece de forma espontânea, a partir da presença e do simples olhar, indiferente às intenções do autor, às suas escolhas e ao percurso da obra para se ater apenas ao resultado final da obra, que é a paisagem, como ela se lhe depara.

A fruição estética de uma paisagem concreta implica simplesmente estar nela em paz e sossego. A paisagem exige uma harmonia que a transcende, convocando a paz de espírito e a alegria da presença — na paisagem não há lugar para o mal ou qualquer forma de agressão, ela não é compatível com a desgraça.

A ideia de paisagem não pode ignorar a necessidade da sua territorialização, a qual não é uma contingência acessória mas um imperativo ingrato, fragilizante e, daí a importância do poder de sobrevivência da obra como um predicado da sua concepção.

Qualquer criação artística é o resultado de um trabalho especulativo feito por tentativas, seguindo um rumo incerto mas de exigência absoluta.

A contemplação estética da paisagem não faz a narrativa do que foi o processo da sua realização, atende apenas ao que nela há de perfeição evidente e de plenitude na satisfação do desejo de presença e do ideal de *belo natural* territorializado.

Projectar uma paisagem é um processo operativo que só se completa com a sua construção e envolve um comportamento distinto daqueles que assistem a outras formas de arte, cuja perenidade não está dependente de uma condução e conservação permanentes *in situ*.

A objectividade da arte na paisagem estabelece-se e revela-se a um nível transcendental de intuição e sensibilidade que determinam a capacidade de apreensão e reconhecimento da poética do sublime como predicado paisagístico. A paisagem demonstra o seu significado enquanto obra de arte, através da sua fruição.

A arte de arquitectar paisagens acontece no processo de execução da obra. Sem esse enquadramento o desenho corre o risco de ser inseguro e ingénuo.

A paisagem não é compatível com gestos decorativos, formalismos geométricos, mimetismos gráficos e elementos construtivos indistintos da arquitectura civil que opera com uma forte codificação funcional a qual está na antítese do significante da paisagem, indissociável da sua única razão de ser que é a de territorializar e exprimir o *belo natural*. O valor da paisagem está na autenticidade e na verdade do seu conteúdo, enquanto coisa onde se materializa o *belo natural*.

A paisagem requer contenção, interioridade e escala humana, ao contrário dos campos panorâmicos do território que dificilmente podem ser tratados como paisagens, mesmo quando artealizados pelo pragmatismo da actividades agroflorestais, dando origem ao que no Séc. XIX se designou por *paisagem cultural* ou *paisagem humanizada*.

Conceitos da “Teoria Estética” de Theodor W. Adorno<sup>2</sup> aplicados à ideia de paisagem:

“Nos períodos em que a natureza se contrapõe com a sua onipotência aos homens, não há nenhum lugar para o belo natural; as ocupações agrícolas, para as quais a natureza presente é objecto imediato de acção, têm, como se sabe, pouca sensibilidade para a paisagem.”

“Onde a natureza não era realmente dominada, a imagem da sua não-dominação suscitava o terror. Daí, a predilecção durante muito tempo surpreendente pelas ordenações simétricas da natureza.”

“A expressão ‘Que belo’ perante uma paisagem fere a sua linguagem muda e diminui a sua beleza.”

“Belo, na natureza, é o que aparece como algo mais do que existe literalmente no seu lugar.” (...) “Sob este seu aspecto, a arte é, em vez de imitação da natureza, uma imitação do belo natural.”

“A arte não imita nem a natureza, nem um belo natural singular, mas o belo natural em si.”

---

<sup>2</sup> Adorno, Theodor W. (1993). Teoria Estética. Lisboa: Edições 70.

*“A transição do belo natural para o belo artístico é dialéctica enquanto transição para a dominação.”*

*“Kant formulou já a norma do carácter intuitivo, no parágrafo 9 da Crítica da Faculdade de Julgar: ‘É belo o que agrada universalmente sem conceito.’”*